

A CRIANÇA NEOTESTAMENTÁRIA COMO PARTE DA REVELAÇÃO DIVINA

The New Testament Child as part of the Divine Revelation

Dr. Vanderlei Alberto Schach¹

RESUMO

Este artigo trata de algumas crianças no Novo Testamento e o tratamento especial dedicado a elas por Jesus no tempo em que desenvolveu seu ministério, abençoando, curando e salvando pessoas da sua miséria. As crianças - e consequentemente familiares abordados - são: João Batista, o filho do oficial, a filha possessa, a filha de Jairo e o menino anônimo. O destaque especial para a criança sempre é observado em cada milagre, trazendo à tona um significado teológico, como parte da revelação de Deus à humanidade.

Palavras-chaves: Criança. Filho(a). Jesus.

ABSTRACT

This article deals with some children in the New Testament and the special treatment given to them by Jesus at the time he developed his ministry by blessing, healing, and saving people from their misery. The children and consequently relatives approached are: John the Baptist, the officer's son, the possessed daughter, the daughter of Jairus and the anonymous boy. The special highlight for the child is always observed in every miracle, bringing forth theological meaning as part of God's revelation to mankind.

Keywords: Child. Son. Daughter. Jesus.

¹ O autor é bacharel em Teologia, mestre em Teologia (Bíblia) e doutor em Teologia Prática (pela EST), pastor e professor na Faculdade Batista Pioneira (Ijuí/RS). Pesquisa sobre crianças em situação de vulnerabilidade afetiva. E-mail: vanderleischach@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

A sociedade brasileira – e até mesmo mundial – vive um momento complexo para a criança. Esta complexidade é o fator motivador para a produção deste artigo, visando apresentar a importância que a Bíblia, especificamente o Novo Testamento,² atribui à criança. Apenas para situar o leitor, de acordo com a Revista Veja, o Brasil é o segundo país do mundo - perdendo apenas para os Estados Unidos - na população de cães e gatos domésticos e detém o segundo maior mercado de produtos para pets. Atualmente o Brasil possui 62 milhões de cães e 43 milhões de crianças.³ Em mantendo-se esta estimativa, projeta-se, no ano de 2020, 71 milhões de cães e 41 milhões de crianças.⁴ Estes números devem, no mínimo, chamar atenção dos evangélicos do país.

Neste contexto, o objetivo deste artigo é mostrar o texto e contexto de algumas crianças e adolescentes que são descritos nos Evangelhos, a partir da Teologia da Criança. Não se tem a pretensão de esgotar o assunto, mas apenas focar situações em que a criança estava à margem da sociedade, em seus vários aspectos, e como o advento do cristianismo reinsereu estas crianças, sendo que algumas até mesmo aparecem nas manifestações divinas. Com isso, não se diminui de maneira alguma a importância de pessoas adultas.

1. TERMOS GREGOS PARA DESCREVER AS CRIANÇAS

O Novo Testamento foi escrito em língua grega, que era dominante na época do cristianismo. Para uma melhor compreensão da palavra “criança”, em português, é necessário analisar os termos gregos usados para descrever as crianças.

Παιδίον (*paidíon*) compreende o bebê ou a criancinha e é um diminutivo de παῖς (*país*). *Pais* significa uma criança de sete a

² Este artigo dá continuidade ao artigo: SCHACH, Vanderlei Alberto. A criança veterotestamentária como parte da revelação divina. Disponível em: (<http://fabapar.ddns.net/ppe/index.php/VIATEOLOGICA/article/view/106>). Acesso em: 21 de dezembro de 2017.

³ Veja ainda detalhes da redução da taxa de fecundidade das mulheres em: SCHACH, Vanderlei A. *Infância em perigo: um caso real inspira a busca de soluções*. São Paulo: Rádio Transmundial, 2016, p. 128-129.

⁴ RITTO, Cecília; ALVARENGA, Bianca. A casa agora é deles. *Revista Veja*, São Paulo, p. 68, jun. 2015.

quatorze anos de idade. Pode também ser traduzido como um jovem escravo ou uma escrava e, por causa disso, sugere a posição humilde da criança na sociedade.⁵

Outro termo para criança é *νήπιος* (*nēpios*), que pode ser traduzido como “infante”, “menor”, “indefeso”, “inexperiente” e “simples”. Também pode sugerir “estultícia”. O termo *τέκνον* (*teknon*) se refere a “criança”, menino ou menina. Embora *pais* e *teknon* se refiram a menino ou menina, *υἱός* (*hyios*), “filho”, se distingue da filha, que é *θυγάτηρ* (*thygatēr*), ou no diminutivo *θυγάτριον* (*thygatrion*), “filha pequena” ou “filhinha”.⁶

Nos Evangelhos são empregados os termos *pais* ou *paidion*. O servo do centurião é chamado de *pais* (Mt 8.6,13; Lc 7.7). As crianças na praça são *paidia* (Mt 11.16; Lc 7.32). Os servos de Herodes são chamados *pais* (Mt 14.2). Na multiplicação dos pães, as crianças que não foram contadas são designadas *paidion* (Mt 14.21; 15.38). Na parábola da ovelha perdida, Jesus usa *μικρῶν* (*mikron*), “pequeninos” (Mt 18.10,14). O Evangelho de Marcos usa somente *paidion* (Mc 5.39) e não emprega *bre/foj* (*brephos*) nem *pais*. Onde Mateus (9.24) é mais específico e usa o termo *kora/sion* (*korasion*), “menina”, Marcos usa apenas *paidion*. Lucas é o único Evangelho que emprega *brephos*, principalmente nas narrativas da infância ou da criança ainda não nascida (Lc 1.41,44) e do recém-nascido (Lc 2.12,16; At 7.19).⁷ Ele também emprega *νεανίσκος* (*neaniskos*), “jovem”, para se referir ao filho da viúva de Naim (Lc 7.14).

Aqui cabe uma consideração importante ao termo usado pelo Dr. “Lucas, o médico amado” (Cl 4.14). Ele usa o termo *brephos* tanto para “feto” como para “recém-nascidos”; isso já é uma indicação de reprovação das técnicas abortivas. Lucas considera o feto da mesma forma como a criança recém-nascida. Segundo José Alves, professor de Direito romano, os juristas romanos consideravam *brephos* apenas vísceras da mãe e o feto não podia ser considerado homem antes de nascer e sobreviver com saúde.⁸

⁵ BRAUMANN, Georg. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin (Orgs.). *Dicionário Internacional de teologia do Novo Testamento*. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2000, v. 1. p. 465.

⁶ BRAUMANN, 2000, p. 465.

⁷ BRAUMANN, 2000, p. 468.

⁸ ALVES, José Carlos Moreira. *Direito romano*. Rio de Janeiro: Forense, 1971, p. 104.

João também emprega em seu Evangelho *pais*, mas somente em 4.51. No mesmo contexto (Jo 4.49) emprega *paidion* e υἱός (*hyios*) “filho”. As três descrições diferentes são em relação à mesma criança. João também emprega *paidion* para criança recém-nascida (Jo 16.21). Além disso, ele menciona *paidarion* (diminutivo de παις) para se referir ao menino dos cinco pães e dois peixinhos (Jo 6.9). É a única ocorrência desse termo em todo NT.⁹ Entre *paidion* e *pais* não existe nenhum significado teológico especial.

No restante do NT, há uma conotação um tanto negativa para o emprego de “criança”: “Irmãos, deixem de pensar como crianças” (1 Co 14.20). As palavras para descrever “criança” em Paulo somente ocorrem em Gl 4.22-23, em comparação entre os filhos de Abraão e a escrava e a livre. Hebreus emprega o termo *paidion* três vezes: 2.13,14 e 11.23. O termo *brephos* ocorre somente em 2 Timóteo 3.15 e 1 Pedro 2.2.¹⁰ Percebe-se que a palavra “criança”, fora dos Evangelhos, é poucas vezes mencionada. Por esse motivo será descrita a vida de algumas crianças que são destacadas nos Evangelhos e que dão continuação aos temas relacionados à criança no AT. Porém, é necessário compreender que, quando Paulo fala, por exemplo, de filhos, pode estar se referindo a filhas ou filhos já adultos ou ainda crianças. É o caso de Romanos 1.30-31, Efésios 6.1-4, Filipenses 3.20-21, entre outros. O mesmo também acontece em Atos 21.5.¹¹

2. JOÃO BATISTA (LC 1.11-25)

O Antigo Testamento é encerrado com o termo hebraico מְרִיבָה (hérem) “maldição”. Esta é proferida pelo profeta Malaquias (Mq 4.5-6), caso o coração dos pais não se convertesse aos filhos e o coração dos filhos aos pais. Evidentemente, antes da mudança de atitude entre uma geração e outra, as pessoas teriam que converter-se a Deus, do contrário seriam destinadas ou consagrados à destruição no dia do julgamento. Conforme Yoilah Yilpet, “o ministério de Elias preparará o povo de Deus para o juízo vindouro e primeiramente converterá o

⁹ BRAUMANN, 2000, p. 468.

¹⁰ BRAUMANN, 2000, p. 468-469.

¹¹ Veja mais definições sobre os termos gregos em: LOUW, Johannes; NIDA, Eugene (Orgs). *Léxico grego-português do Novo Testamento baseado em domínios semânticos*. Tradução de Vilson Scholz. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

coração dos pais e dos filhos ao Senhor e então uns aos outros. As pessoas precisam reconciliar-se com Deus antes de se reconciliarem entre si”.¹² Após aproximadamente 400 anos de silêncio, ao se abrir o NT, esta profecia começa a se cumprir a partir de uma criança: o bebê Joãozinho Batista (por ocasião do seu nascimento, ainda não se chamava Batista). Este tem um significado especial nas Escrituras Sagradas. Ele liga o AT ao NT ao cumprir uma profecia de Malaquias.

O historiador Lucas, logo no início de seu Evangelho, faz menção ao cumprimento desta profecia, ao citar as palavras de Malaquias através do anjo Gabriel: “E irá adiante do Senhor, no Espírito e no poder de Elias, para fazer voltar o coração dos pais a seus filhos e os desobedientes à sabedoria dos justos, para deixar um povo preparado para o Senhor” (Lc 1.17). Para entender como Deus atua através do bebê João, é necessário fazer um apanhado geral do contexto desta profecia angelical com destinatário sacerdotal.

O sacerdote Zacarias¹³ estava no seu turno de trabalho no Templo, conforme a divisão organizada por Davi. Das 24 divisões, Abias pertencia à 8 divisão (1 Cr 24.10). Cada turno prestava serviço no Templo duas vezes por ano, conforme “o costume do sacerdócio” (Lc 1.9), ou seja, uma espécie de sorteio sacerdotal para que nada fosse organizado de forma humana. Enquanto os sacerdotes da primeira divisão residiam em Jerusalém, os demais estavam dispersos por toda a nação. A eles era permitido casar-se com uma moça israelita que não fosse da linhagem sacerdotal, contudo era mais “espiritual” casar com uma moça da linhagem sacerdotal,¹⁴ que era o caso de Isabel (Lc 1.5). Mesmo sendo justos aos olhos de Deus, Isabel e Zacarias não tinham filhos, porque Isabel era estéril e ambos eram de idade avançada (Lc 1.6-7). Mesmo nesta situação, Zacarias orava por um filho (Lc 1.13).

Em certa ocasião, quando Zacarias estava cumprindo sua escala de serviço sacerdotal, o Anjo Gabriel apareceu-lhe dizendo que teria um filho que seria “motivo de prazer e de alegria para você, e muitos se alegrarão por causa do nascimento dele, pois será grande aos olhos do Senhor. Ele nunca tomará vinho nem bebida fermentada,

¹² YILPET, Yoilah. In: ADEYEMO Tokunboh. Comentário bíblico africano. São Paulo: Mundo Cristão, 2010, p. 1127.

¹³ Zacarias significa “Deus se lembra” e Isabel “Seu Juramento”. SOUZA, Itamir Neves de. *Lucas: comentário bíblico*. São Paulo: Rádio Trans Mundial, 2008, p. 30.

¹⁴ RIENECKER, Fritz. *Evangelho de Lucas: comentário Esperança*. Tradução de Werner Fuchs. Curitiba: Esperança, 2005, p. 20.

e será cheio do Espírito Santo desde antes do seu nascimento”, ou seja, desde o ventre materno. (Lc 1.14-16).

Porém, apesar da oração e santidade de Zacarias, ele não conseguiu crer na promessa e perguntou ao anjo: “Como posso ter certeza disso? Sou velho, e minha mulher é de idade avançada” (Lc 1.18). Em contrapartida, o anjo respondeu: “Sou Gabriel, o que está sempre na presença de Deus. Fui enviado para lhe transmitir estas εὐαγγελί σασθαί ‘boas novas’. Agora você ficará mudo. Não poderá falar até o dia em que isso acontecer, porque não acreditou em minhas palavras, que se cumprirão em tempo oportuno” (Lc 1.18-20). Quando Zacarias saiu do santuário, não conseguiu falar com o povo, que esperava uma mensagem vinda de Deus, contudo se comunicava por sinais (Lc 1.21). Ele deu lugar à linguagem da incredulidade e conseqüentemente não tinha mais condições de comunicação. Contudo, depois disso, Isabel, sua mulher, engravidou... (Lc 1.23). Zacarias somente voltou a falar oito dias após o nascimento de João, por ocasião do ritual da circuncisão. Assim a profecia do nascimento de João se cumpriu e Zacarias louvava a Deus e todos perguntavam: “O que vai ser este παιδίον (*paidíon*) menino? Pois a mão do Senhor estava com ele” (Lc 1.66).

Em paralelo à gravidez de Isabel, Lucas também descreve a visita do anjo Gabriel à virgem, Maria anunciando que ela conceberia, dando à luz Jesus Cristo (Lc 1.26-38). Maria era noiva de José, mas isso não significava que tinha relações sexuais com ele. Na época, era degradante para uma moça aparecer grávida alegando que o que estava em seu ventre era gerado pelo Espírito Santo. Como mãe, ela teve que pagar o mesmo preço da vergonha que seu filho, o Salvador do mundo, pagaria. Esta situação preocupante faz Maria perguntar: “Como acontecerá isso, se sou virgem?” (Lc 1.34). Esta não era uma pergunta que suscita dúvida, mas que apenas poderia confirmar em Maria o que estava por acontecer. Já a indagação de Zacarias coloca em dúvida a afirmação do anjo. Na língua grega, a formulação contrastante é muito nítida: εἶμι πρεσβύτης “sou velho” diz Zacarias e, o anjo ἐγώ εἶμι “eu sou”. Com esta formulação, Lucas provavelmente indica que a característica do sacerdócio parece estar ultrapassada, ao menos da forma como era praticada, enquanto a mensagem que vem de Deus é atual, suprimindo as necessidades humanas. Porém, no Antigo Testamento há exemplos de homens que pediram sinais de

Deus: Abraão (Gn 15.8), Gideão (Jz 6.36-40) e Ezequias (2Re 20.8) e os tiveram confirmados. Mas, ao que parece, Zacarias comete uma infração que é digna de punição. Rienecker explica que

Zacarias vivia depois daqueles e tinha à disposição toda essa série de revelações e fenômenos, que ele, como sacerdote, certamente conhecia. Ademais, o próprio local em que ele recebia essa mensagem, bem como o fenômeno celestial que lhe trazia, deveriam livrá-lo de qualquer dúvida. Sua dúvida, portanto, não era nada mais que falta de fé e a incapacidade de alcançar-se, por força da promessa divina, acima do curso natural das coisas.¹⁵

Enquanto Zacarias é punido por sua falta de fé, Maria se coloca à disposição de Deus: “Sou serva do Senhor; que aconteça comigo conforme a tua palavra. Então o anjo a deixou” (Lc 1.38). Ainda naqueles dias, Maria foi visitar Isabel. Ao entrar na casa dela, o bebê agitou-se em seu ventre e Isabel ficou cheia do Espírito Santo, fazendo a seguinte declaração para Maria: “Feliz é aquela que creu que se cumprirá aquilo que o Senhor lhe disse” (Lc 1.45). Essa afirmação de Isabel é a primeira bem-aventurança do NT. Mas segundo Rienecker, “ao que parece, Isabel pensa com dor na incredulidade de seu marido e como o Senhor o puniu por isso. [...]. Em contrapartida, que saudação jovial Maria traz ao chegar agora até ela, como uma criança feliz. Sim, bem-aventurado é aquele que crê. Essa é a norma, a constituição da nova aliança.”¹⁶ Maria vai permanecer com Isabel por três meses (Lc 1.56), até o nascimento do Joãozinho Batista. Provavelmente, além de acolher Maria em sua gravidez “vergonhosa”, Isabel deve ter lhe dado muitos conselhos. Maria até mesmo consegue compor um cântico de júbilo em louvor a Deus (Lc 1.46-55), intitulado Magnificat,¹⁷ sendo

¹⁵ RIENECKER, 2005, p. 23.

¹⁶ RIENECKER, 2005, p. 33.

¹⁷ Esse cântico tem sido chamado com frequência de “Magnificat”, um título extraído da primeira palavra da versão latina. Essa “meditação vocal” de Maria relembra o tipo de literatura encontrada nos salmos do AT. Maria descreve os feitos de Deus com sete verbos no passado (tempo aoristo no grego: 1.51-54). Com base na natureza das circunstâncias, no entanto, é óbvio que elas são concepções do que Deus faria no futuro por meio da criança em seu ventre. Por isso, esses verbos provavelmente são “aoristo profético”, segundo a analogia do “perfeito profético” no hebraico. THOMAS, Robert; GUNDRY, Stanley (Orgs). *Harmonia dos Evangelhos*. Tradução de Valdemar Kroker. São Paulo: Vida, 2004, n. I, p. 6.

seguida posteriormente por Zacarias compondo Benedictus (Lc 1.68-79); anjos, Glória in Excelsis (Lc 2.14) e Simeão, Nunc Dimitis (2.29-32). Todas estas composições de exaltação a Deus surgiram a partir do nascimento de crianças.

Enquanto estas duas mulheres mães usufruem da bênção da comunhão, o sacerdote Zacarias está mudo. O motivo para a comunhão são as crianças em seus ventres. Logo, o útero materno é lugar de vida, devendo ser afastada toda possibilidade de transformá-lo em cemitério de fetos através da prática do aborto. Um fato interessante é que o Dr. Lucas, médico, usa o termo *bre/foj* (*bréfós*) tanto para descrever a criança ainda no ventre materno como a já nascida. Para ele não há distinção entre feto e criança recém-nascida. O valor da vida é o mesmo. Compare Lucas 1.41 com 2.12. Paulo, ao se referir à infância de Timóteo, também usa o mesmo termo (2Tm 3.15).

Conclusão

Tanto a mãe de João Batista como a mãe de Jesus estão em extremos opostos. Uma idosa e estéril e outra jovem e sem marido. Contudo, Deus age nestas mulheres, fazendo-as conceber e intervém através destes dois fetos para mostrar a possibilidade divina diante da impossibilidade humana. A partir da gravidez da idosa e estéril Isabel, tem fim a antiga aliança. Esta não fala mais por ter sido superada com a gravidez da jovem e virgem Maria, tendo início assim a nova aliança a partir do nascimento de Jesus Cristo. A missão de João Batista foi de grande importância, pois interrompeu o silêncio de Deus, vindo como precursor do Salvador e também para converter muitos pais aos filhos e filhos aos pais. Parece que o relacionamento entre pais e filhos era o problema da época, porém o mesmo ainda continua na atualidade, tendo como ápice a precariedade do relacionamento dos pais com o Pai. Zacarias orava pedindo um filho e quando Deus manda a resposta, ele argumenta que os dois já são idosos e Isabel estéril. Ele sabia dessa condição, por que estava orando? Quando se ora a Deus pelo impossível, não se deve duvidar que a resposta poderá vir pelo impossível. O NT abre-se com graça para todos relacionamentos entre as gerações através do bebê João, ao contrário do AT, que fecha com uma possível maldição sobre a terra.

3. A CURA DO FILHO DO OFICIAL (JO 4.46-54)

Jesus já havia realizado um milagre em Caná da Galileia, transformando água em vinho num casamento (Jo 2.1-11). Este parece ter sido o primeiro milagre de Jesus, ao menos neste lugar (Jo 2.11). Ao retornar da Judeia para a Galileia (Jo 4.3) e com uma parada de dois dias na Samaria (Jo 4.43). Ele é bem-vindo na Galileia porque os judeus haviam visto tudo o que Jesus havia realizado em Jerusalém por ocasião da festa da Páscoa (Jo 4.45). Em Caná encontrou um homem, oficial do rei, que, segundo Carson, “provavelmente refere-se a alguém oficialmente ligado ao serviço de um *basileus*, um ‘rei’ – aqui sem dúvida se refere a Herodes Antipas. Ele foi tetrarca da Galileia de 4 a.C. a 39 d.C. e, de forma alguma foi um ‘rei’, mas ele era popularmente considerado rei”.¹⁸

Este oficial do rei estava com seu filho doente. Como João usa vários termos para descrever o filho, não se pode precisar exatamente a idade deste filho, mas tudo indica que estaria entre a pré-adolescência e juventude.¹⁹ O termo grego para descrever a doença é *ἀσθενέω* (*astheneō*) e que pode ser traduzido por “estar doente e, como resultado disto, ficar num estado de fraqueza e incapacidade [...]”,²⁰ como consequência da febre. Provavelmente a pressa do pai em socorrer seu filho se dá por ocasião da fraqueza que já está no seu auge e possivelmente próximo da morte também, como João mesmo declara (4.47,49). Este pai não demonstra ser alguém importante, como oficial do rei, mas um pai ansioso pela cura de seu filho. Ele deixa de lado toda a sua importância, como condição social e aparências, mas apenas consegue pensar no seu filho que estava morrendo. Ao ouvir falar de Jesus - e possivelmente dos milagres dele na festa da Páscoa - o pai apenas quer chegar até Jesus e rogar-lhe que curasse seu filho. Porém, Jesus lhe responde: “Se vocês não virem sinais e maravilhas, nunca crerão” (Jo 4.48).

Possivelmente havia muitos curiosos com Jesus esperando por algum sinal milagroso. Não eram pessoas necessitadas como esse pai. Nesse contexto é que Jesus vai dar esta resposta de repreensão, e que

¹⁸ CARSON, D. A. O comentário de João. Tradução de Daniel de Oliveira e Vivian Nunes do Amaral. São Paulo: Shedd, 2007, p. 239.

¹⁹ Veja o capítulo I, onde são descritos os diferentes termos gregos para criança.

²⁰ LOUW; NIDA, 2013, p. 242.

num primeiro momento se parece com uma cena de rudeza com um pai sensibilizado pela doença do filho. Embora os discípulos de Jesus aparentemente não estivessem com ele, mesmo assim responde na segunda pessoa do plural. Para Carson, a “forte repreensão que Jesus oferece pode também ser pronunciada como estímulo à fé do oficial. [...]. O oficial não está interessado em cristologia, nem em profecia cumprida e, tampouco, em sinais e maravilhas: ele está interessado no bem estar de seu filho.”²¹ Assim, João vai descrever que este pai não quer ver maravilhas por parte do Mestre como muitos galileus ali presentes, mas quer a cura. Prova disso é que ele aceita a palavra de Jesus e inicia viagem de volta para sua casa (Jo 4.50), que ficava a uma distância de aproximadamente 35 quilômetros.

Ao descer²² para casa, já no dia seguinte, o oficial encontra seus servos, que já estão lhe trazendo a notícia da cura do menino e que ele estava vivo (Jo 4.52). O pai viera “temeroso de que seu filho morresse, mas encontrou em Jesus alguém tão profundamente consciente de seu poder que ficou seguro que a vida triunfaria. [...]. Jesus não apenas despertou sua fé, mas, num sentido mais profundo, o levou a ter fé na fé de Jesus.”²³ O oficial - pai do menino - entendeu, a partir do momento da cura, que havia acontecido no dia anterior no mesmo horário que ele havia pedido ajuda para Jesus (Jo 4.52), mesmo a uma distância de aproximadamente 35 quilômetros.²⁴ Ainda de acordo com Hull, “a concomitância da cura não foi uma coincidência, mas uma providência confirmatória de que Deus confirmara aquelas palavras de Jesus, que o oficial trouxera de Caná em esperança”.²⁵

Apenas o milagre da cura em si ainda não serve para o desenvolvimento da fé, embora possa iniciá-la. Os servos do oficial, que presenciaram a cura do menino, não viram nisto um grande sinal de Deus. Isto se deve ao fato de não estarem juntos com o oficial e não ouvirem as palavras de Jesus. Porém, para o oficial, fazia toda diferença

²¹ CARSON, 2007, p. 239-240.

²² O lago da Galileia fica a 210 metros abaixo do nível do mar; por isso, para chegar a qualquer ponto próximo ao lago é necessário literalmente descer (CARSON, 2007, p. 240).

²³ HULL, Willian E. In: ALL-COM, Clifton J. *Comentário bíblico Broadman: Novo Testamento*. Tradução de Adiel Almeida de Oliveira e Israel Belo de Azevedo. 2.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1987, p. 303-304.

²⁴ Numa tradução mais literal, o pai teria indagado os servos: “a que horas o filhos começara a se sentir melhor?” A indagação indica que o pai pensava numa melhora possivelmente gradual.

²⁵ HULL, 1987, p. 304.

a cura, pois ela se deu a partir das palavras de Jesus. Assim, creram ele e todos os da sua casa, inclusive o filho. Depreende-se daí, que apenas a cura física não é suficiente. Precisa haver também a cura espiritual, mesmo sendo criança. Paul Jehle afirma que

embora toda criança tenha uma natureza pecaminosa, ela tem, também, um potencial e um chamado de Deus, o de libertar a manifestação da imagem de Deus dentro dela. É esse equilíbrio que precisa ser mantido nas atitudes dos pais. Precisamos nutrir as expectativas mais altas em relação ao chamado de Deus, mas também uma compaixão equivalente em relação à natureza da criança. Nossa compaixão deve ser tão alta quanto nossas expectativas se quisermos libertar a criança da sua condição. Além disso, nossas expectativas só podem se cumprir na medida em que estivermos dispostos a controlar a ajudar a criança superar sua natureza pecaminosa.²⁶

Este equilíbrio por parte dos pais apresentado por Jehle, é exatamente o que o pai está buscando para o seu filho. Curá-lo para que continue vivo e resgatar nele a imagem de Deus em sua criação. João vai terminar esta perícopes informando que este foi o segundo milagre de Jesus na Galileia (Jo 4.54).

Conclusão

A perícopes abordada é o clímax de uma série de seis relatos que ilustram a inauguração do reino por Jesus, a começar em João 2.1-12. Após perceber como Jesus cumpriu a velha ordem, oferecendo nova alegria (Jo 2.1-12), nova adoração (Jo 2.13-25), novo nascimento (Jo 3.1-21), nova liderança (3.22-36) e nova comunhão (Jo 4.1-42), agora neste relato Jesus oferece uma nova vida. Vida que tem poder sobre a doença e morte e que é o ápice de todas as demais conquistas. Na perícopes em questão, João menciona 3 vezes a frase “o filho está vivo” (4.47,50,53). Este fato se desenvolve através da cura de um menino, demonstrando a importância da criança no reino de Deus que Jesus veio trazer para todos.

²⁶ JEHLE, Paul. *Ensino e discipulado*. Tradução de Markus Hediger. São Paulo: Cultura Cristã, 2016, p. 157-158.

Ao mesmo tempo, ela também serve de ponto de transição para os próximos capítulos (5-10), nos quais o tema vida será amplamente desenvolvido. A afirmação que Jesus faz de si mesmo, como um profeta sem honra em sua própria terra (Jo 4.44), será um conflito elaborado em Jerusalém. Ele provocou a sua morte ao oferecer vida. Nisto consiste o grande conflito que aparecerá entre os capítulos 5 a 10. Nesse sentido, a perícopes tem um prenúncio de anunciação muito eficaz e - vale repetir novamente - através da restauração de um filho menino de um pai.

Em relação especificamente às crianças, pais e professores devem buscar a melhor forma de orientação das crianças. Deixá-la sem limites, sem restrições e sem cuidados, como propõem os métodos pedagógicos modernos, seria uma forma de violação dos direitos da criança.

4. A FILHA POSSESSA (MC 7.24-30; MT 15.21-28)

Após Jesus ter participado de um debate sobre a tradição judaica e que envolvia questões de pureza e impureza, como lavar ou não as mãos (Mc 7.1-23), Ele se retirou para os arredores de Tiro e Sidom. Entrou numa casa e não queria que soubessem que estava ali. Porém, logo apareceu uma mulher, mãe de uma menina que estava com um espírito imundo. A mulher grega e de origem siro-fenícia²⁷ rogava a Jesus que expulsasse de sua filha o demônio. Contudo, Jesus respondeu: “Deixe que primeiro os filhos comam até se fartar; pois não é correto tirar o pão dos filhos e lançá-lo aos cachorrinhos” (Mc 7.27). Ao que a mulher respondeu: “Sim, Senhor, mas até os cachorrinhos, debaixo da mesa, comem das migalhas das crianças” (Mc 7.28). Por causa dessa resposta, Jesus declarou a filha da mulher curada e então ela foi para casa e encontrou a filha livre do demônio (Mc 7.30).

O termo usado por Marcos para descrever a menina é θυγάτριον (*thygatrion*), ou seja, “filhinha” ou “menina pequena”. Esse fato leva a crer que a mãe depositava toda a confiança no Messias dos judeus. Ela era mulher e estrangeira, mas tomou coragem e quebrou os paradigmas da época para ajudar sua filha. Crianças pequenas normalmente causam mais impacto na vida dos adultos, principalmente do pai e da mãe.

²⁷ Em Mateus 15.22 é chamada de mulher cananeia, uma identificação popular do AT.

Outro fato digno de nota é que Jesus usa o termo *κυνάρια* (*kinariois*), “cachorro” (Mc 7.27), e a mulher usa os termos *κυνάρια* (*kynaria*), “cachorrinhos”, e *paidion* (Mc 7.28). Esses dois termos diferentes resultam num paralelismo entre *paidion*, “criancinha” e “cachorrinho”. Essa resposta da mulher a Jesus representa o verdadeiro abismo entre ela, como pagã, e os judeus. Ela não tinha direitos espirituais como os verdadeiros judeus, mas esperança como graça imerecida. Alguns teólogos sugerem que o termo “cachorrinhos” é uma referência a animais de estimação guardados em casa e que na hora das refeições recebiam algumas migalhas debaixo da mesa.²⁸ Richards afirma que Deus “preparou a refeição de milagres e prodígios para Israel, a família da aliança, que, como ovelhas perdidas, tinha se desviado dele. Milagres e prodígios não deviam ser lançados aos gentios. A maioria deles não estaria aberta para assuntos espirituais.”²⁹ Porém, o que ela estava pedindo para sua filha não era nada de extraordinário para Jesus. Ainda segundo Richards, “ela sabia que seu poder era tão grande que tal milagre seria uma mera migalha de uma mesa repleta de bondade.”³⁰

Por meio de sua mãe, esta criancinha, carente da misericórdia de Jesus, abriu caminho para que o Evangelho também chegasse aos pagãos, uma vez que os judeus já o haviam rejeitado (Jo 1.11). Para a mulher, os resíduos das bênçãos de Deus eram suficientes, enquanto os judeus rejeitavam a plenitude das bênçãos.

Conclusão

Com esta cura da menina possessa, fica mais uma vez muito nítido que é necessário que os pais empreguem todos os seus recursos, possibilidades e conhecimento na proteção das crianças oferecendo a elas condições favoráveis para seu desenvolvimento bem como deixar um caminho aberto para Deus. Um fato que também se destaca no Evangelho de Marcos, é um conflito de Jesus com o mal. O primeiro

²⁸ Veja em: RIENECKER, Fritz; ROGERS, Cleon. *Chave linguística do Novo Testamento*. Tradução de Gordon Chown e Júlio Paulo T. Zabatiero. São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 81; POHL, Adolf. *Evangelho de Marcos: comentário Esperança*. Tradução de Hans Hudo Fuchs. Curitiba: Esperança, 1998, p. 236.

²⁹ RICHARDS, Larry. *Todos os milagres da Bíblia*. Tradução de Carlos Osvaldo Cardoso Pinto. São Paulo: Hagnos, 2005, p. 250.

³⁰ RICHARDS, 2005, p. 250.

milagre narrado por Marcos é um ato de exorcismo, logo no início do Evangelho em 1.21-34, perpassando todo Evangelho até o final 5.1-20 e 9.14-32. Novamente fica explícito que Deus age através das crianças, mesmo do sexo feminino, para se manifestar ou expandir seu reino para os povos não merecedores da mesa posta farta de bênçãos.

5. A RESSURREIÇÃO DA FILHA DE JAIRO (MC 5.21-24, 35-43; MT 9.18-26; LC 8.40-56)

Quando Jesus estava reunido à beira-mar com uma grande multidão, chegou até Ele um dos dirigentes da sinagoga chamado Jairo. Prostrou-se aos pés de Jesus e implorou-lhe incessantemente que curasse sua filhinha que estava morrendo. E Jesus foi com ele (Mc 5.21-24).³¹ Enquanto estavam indo, algumas pessoas da casa de Jairo chegaram a eles e disseram que ele não precisava mais incomodar o Mestre, porque sua filha já havia morrido. Porém, Jesus disse a Jairo que não tivesse medo, apenas cresse. Chegando à casa de Jairo, Jesus viu pessoas chorando e lamentando em alta voz. Ele pediu que se retirassem e ficou apenas com o pai e a mãe da menina, além dos discípulos que estavam com Ele. Foi até onde a menina estava, pegou-a pela mão e disse: “Menina, levanta-te”. Imediatamente a menina levantou-se e começou a andar. Todos ficaram atônitos. Jesus mandou que lhe dessem algo para comer e que não falassem nada a ninguém. A menina tinha doze anos de idade (Mc 5.35-43). O fato de Lucas mencionar a idade da menina pode ser uma característica médica dele, mas também pode descrever mais acuradamente a dor do pai, uma vez que aos treze anos as mulheres já casavam. Richards explica que a morte da menina “logo antes de se tornar esposa e mãe aumenta o sentimento de tragédia que Lucas transmite”.³² O termo grego usado para descrever a filha de Jairo é *θυγάτριον* (*thygatrion*) e que novamente pode ser traduzido por menina ou menina que está entrando para adolescência, uma vez que Lucas menciona sua idade.

³¹ No trajeto, Jesus teve que curar uma mulher que sofria de hemorragia havia doze anos. Enquanto isso, a menina morreu. Nas curas, Jesus ultrapassa os dois fiadores da Antiga Aliança: Moisés na cura da mulher e Elias na cura da menina (cf 1 Rs 17.17ss e 2 Rs 4.32ss). “Não estamos mais diante de Moisés e Elias, mas diante do Filho” (POHL, 1998, p. 190).

³² RICHARDS, 2005, p. 237.

Ela era filha única de Jairo (Lc 8.42). Para os judeus, perder seus filhos era sinal da ira de Deus. Perder um filho ou o filho mais velho causava muita lamentação (Zc 12.10) – muito mais para a autoridade máxima da sinagoga, pois o peso da culpa seria ainda maior. Como chefe da sinagoga, ele era um homem culto e que conduzia as programações, como leituras da Lei, orações e explicações. Igualmente cuidava da parte financeira e era responsável pela boa conduta na sinagoga. A função como a de Jairo não era remunerada e era exercida por pessoas muito respeitadas na comunidade. O chefe da sinagoga contava com a ajuda de um assistente, como aparece no Evangelho de Lucas 4.20.³³ Jairo, que não estava acostumado a ser questionado, viu sua fé ruir e tudo acabar. Sua própria linhagem estava se extinguindo. Para um judeu como Jairo, isso tinha grande significado. Jesus vai com ele, sem guardar rancor de oposição, mas está do lado daqueles que sofrem.³⁴

Destaca-se o fato de um dirigente de uma sinagoga procurar Jesus, já que este nem sempre era bem-visto por muitos judeus (Lc 4.29; Jo 9.22). Porém, o desespero de manter viva sua filhinha o faz romper barreiras. Em horas de dor as pessoas não se importam com a opinião do povo. Ele mesmo precisa romper a barreira de ver sua filha se tornando adulta. Conforme Karin Kepler Wondracek, “este é o lado bom das crises, pois elas convocam a romper com o conhecido e sabido, e se abrir para o novo. Um tempo de vencer preconceitos e tabus, de buscar a Vida para cuidar da vida”.³⁵

Esta menina não é curada a distância, como a do relato anterior. Enquanto Jesus caminha ao lado de Jairo para a casa onde a menina se encontra morta, acontece a cura de Jairo. Como chefe, ele tinha tudo sob seu controle: tempo, pessoas, circunstâncias. Porém ele é interrompido pelo planejado cronológico, *χρόνος* (*chronos*), que significa o andar preciso de horas, minutos e segundos. A cura de Jairo acontece no caminhar até sua casa, embora seja um ritmo muito lento para o coração apertado de um pai. Contudo, Jesus quer ensinar a Jairo que a “lentidão faz parte do processo de sair de *χρόνος* (*chronos*)

³³ RICHARDS, 2005, p. 236.

³⁴ POHL, 1998, p. 186-187.

³⁵ WONDRAČEK, Karin H. Kepler. In: SEGURA, Harold; PEREIRA, Welinton (Orgs.). *Para falar de criança: teologia, Bíblia e pastoral para a infância*. Tradução de Flávio Conrado e Wagner Guimarães. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2012, p. 122.

para entrar em *καιρός* (*kairós*), o tempo que importa, o tempo que recebe a visita da Eternidade e reconfigura todos os sentidos”.³⁶ Ainda, conforme Karin Kepler Wondracek,

as crianças pequenas, que ainda não têm *kronos* instalado em seu consciente, sabem mais desse outro tempo. Para elas, o que importa é estar com a pessoa cuidadora, acompanhando os seus ritmos. Estar com a mãe é o suficiente, não importa tanto assim o lugar. Basta um encontro, basta a presença. Interessante que essa será a mensagem de Deus para Abrão, Moisés e tantos outros: ‘Eu serei contigo’.³⁷

Enquanto caminhavam em direção à casa de Jairo, algumas pessoas vêm ao encontro deles: “Sua filha morreu³⁸, disseram eles. Não precisas mais incomodar o mestre!” (Mc 5.35). Jesus, porém, não deu atenção ao que falaram, mas consolou Jairo dizendo: “Não tenha medo; tão somente creia” (Mc 5.36). Jesus convida Jairo a se unir ao ritmo dele. Unir-se também remete a uma posição de aconchego, como é normal para as crianças: deixar-se estar na mão do Pai. “No ritmo de Jesus não há ‘tarde demais’. Novamente as crises nos ensinam sobre a Vida que tem outros ritmos que os conhecidos. Ela nos visita e nos surpreende a cada toque. Agora *kairós* domina, e não *kronos*”.³⁹

Ao chegarem à casa de Jairo, Jesus percebeu um alvoroço com gente chorando e se lamentando pela morte da menina. Ordenou que todos saíssem e ficou apenas com Tiago, Pedro, João e os pais da menina. Entrou onde ela se encontrava e disse: “A criança não está morta, mas dorme” (Mc 5.37-40). Conforme Karin Kepler Wondracek, Jesus agiu dessa forma para mostrar que “curas de crianças não são feitas para satisfazer instintos exibicionistas, já nos garantem as leis de proteção à infância. Intimidade e solidariedade, sem notoriedade, eis um paradigma para discernir entre maus e bons propósitos com as

³⁶ WONDRAČEK, 2012, p. 123.

³⁷ WONDRAČEK, 2012, p. 123.

³⁸ Durante o primeiro século, a terça parte dos nascidos morria antes de completar seis anos e 60% morriam antes dos quinze anos de idade. ALVARADO, Ruth. In: SEGURA, Harold; PEREIRA, Welinton (Orgs.). *Para falar de criança: teologia, Bíblia e pastoral para a infância*. Tradução de Flávio Conrado e Wagner Guimarães. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2012, n. 24, p. 97.

³⁹ WONDRAČEK, 2012, p. 126.

crianças”.⁴⁰ Havia também na época de Jesus as carpideiras.⁴¹ Jesus não se deixa abalar com a situação e dispensa aqueles que lucram com a desgraça alheia. Algo como o que vivemos atualmente: as notícias mais lucrativas são as mais trágicas. Apenas ter atitudes sensacionalistas ainda não é cuidar da criança necessitada.

Conclusão

Na cura desta menina, percebe-se que em algumas situações a cura passa primeiramente pelos adultos, antes de chegar às crianças. Foi o que aconteceu com Jairo. Embora estivesse buscando ajuda, a queria imediatamente. Porém, Jesus o faz entrar numa outra dimensão de tempo, a fim de entender o tempo de Deus para as crianças. Por isso, os pais e professores devem observar o tempo de Deus para as crianças. A opinião de Deus é mais importante do que a dos humanos. O milagre ainda aponta para a ressurreição da morte, quando todos os que creem serão restaurados para a eternidade celestial, mesmo que num primeiro momento a morte possa trazer a dor da saudade por causa da separação. Outro destaque é quando Jesus diz: “não tenha medo; tão-somente creia” (Mc 5.36). Esta afirmação significa que poderia tranquilizar o pai da menina e dar esperança para aguardar a cura. A fé em Jesus ajuda os pais em tempos de crise, até que Deus venha ao encontro com a solução para nossas necessidades. Logo, esta fé será recompensada com o que cremos e esperamos.

6. O MENINO ANÔNIMO (JO 6.5-14; MT 14.13-21; MC 6.30-34; LC 9.10-17)

Em certa ocasião, Jesus estava sendo seguido por uma grande multidão por causa dos “sinais” que fazia. Ele disse a Filipe: “Onde compraremos pão para toda essa gente comer?”. Ele apenas queria pôr Filipe à prova, pois já sabia o que estava para fazer. Filipe argumentou que nem duzentos dias de trabalho seriam suficientes para comprar pão. André informou a Jesus que havia ali um rapaz com cinco pães de cevada⁴² e dois peixinhos. Então Jesus pediu aos discípulos que

⁴⁰ WONDRAČEK, 2012, p. 127.

⁴¹ As carpideiras eram mulheres especialmente contratadas e pagas para chorar nos velórios. Veja Jr 9.17.

⁴² Pão de cevada era o pão dos pobres e era assado em fatias achatadas de 30 cm de

mandassem o povo se sentar na grama. Eram aproximadamente cinco mil homens. Ele deu graças pelo pão e pelos peixes e todos comeram até se fartarem. Depois que todos comeram, ordenou aos Seus discípulos que ajuntassem tudo o que havia sobrado, enchendo doze cestos. Depois de ver o milagre que Jesus tinha realizado, o povo começou a dizer que aquele era o profeta que deveria vir ao mundo (Jo 6.5-14).

Este é um milagre que aparece nos quatro Evangelhos. Muitas pessoas seguiam a Jesus por causa dos σημεῖα (*semeia*),⁴³ “sinais” que Ele fazia. Assim como no início do ministério, “muitos viram os sinais milagrosos que ele estava realizando e creram em seu nome. Mas Jesus não se confiava a eles, pois conhecia a todos” (Jo 2.23-24). João menciona nesse episódio a segunda festa da Páscoa, dum total de três (cf. Jo 2.13). Seu motivo para isso não é tanto cronológico, mas teológico. A Páscoa judaica relembra a saída do Egito. O sacrifício de um cordeiro na casa de cada família era parte da celebração pascal. No presente Evangelho, Jesus é o “Cordeiro de Deus” (1.29,36).

A primeira Páscoa que Jesus menciona está num contexto em que o templo (referindo-se ao Seu próprio corpo) precisava ser destruído, apontando assim para a sua morte (Jo 2.19). A segunda ocorre no tempo da alimentação dos cinco mil. “Estava próxima a festa judaica da Páscoa” (Jo 6.4). Nessa ocasião acontece o discurso do pão da vida, no qual Jesus identifica Sua carne como verdadeiro pão, que deve ser dado ao mundo e comido para que se tenha a Vida Eterna. A terceira Páscoa anunciada por Jesus (Jo 11.55) já é na época de Sua morte.

Conforme Carson e Regene Lamb,

as ligações se tornam complexas: o sacrifício do cordeiro antecipa a morte de Jesus, o maná do Antigo Testamento é ultrapassado pelo verdadeiro pão da vida, o êxodo tipologicamente apresenta a vida eterna que nos liberta do pecado e destruição, a festa da Páscoa é absorvida pela eucaristia (as duas apontam para Jesus e sua redentora obra na cruz). O movimento do

diâmetro, e por isso não era cortado, mas rasgado ou partido.

⁴³ *Semeion* é o termo que João usa para descrever os milagres de Jesus e pode ser traduzido por “sinal com um ensinamento ou que aponta para a glória de Deus”. Os sinóticos usam termos como: δυνάμεις (*dinameis*), “poder”, “força”, “energia” (Mt 11.20; Mc 9.39); θαυμάσιος (*thaumasios*), “maravilhoso” (Mt 21.15) e παράδοξος (*paradoxos*), “estranho”, “admirável” (Lc 5.26). Muito raramente usam o termo *semeion*.

milagre para o discurso, de Moisés para Jesus (Jo 6.32-35), e, acima de tudo, de pão para carne é quase ininteligível a menos que a referência do versículo à Páscoa retome 1.29,36, antecipe 19.36 (Êx 12.46; Nm 9.12) e reja toda a narrativa.⁴⁴

O que chama atenção nesta períclope, é a pergunta que Jesus faz exatamente a Filipe: “Onde compraremos pão para esse povo comer?” (Jo 6.5). Filipe era de Betsaida, “casa do peixe” (Jo 1.45). Bastava apenas se dirigir a um mercado da cidade e comprar alimentos. Mas, mesmo que tivessem recursos financeiros, provavelmente não conseguiriam comprar, porque a multidão era muito numerosa. Jesus faz um teste com Filipe, que diante de Natanael confessara decididamente a dignidade messiânica (Jo 1.45) e já havia experimentado maravilhas com Jesus, mas ele não passou no teste. Não olhou para Jesus, pois já havia visto Sua glória nas bodas de Caná, além de muitos outros sinais. Ele apenas vê as circunstâncias a partir da ótica mercantilista e responde sem ver uma saída. Porém, Jesus não foi pego de surpresa, “pois já tinha em mente o que ia fazer” (Jo 6.6). É neste momento que André denuncia a presença do menino com seus pães e peixes. “Mas, o que é isto para tanta gente?” (Jo 6.8). É a própria indagação de dúvida e desespero do discípulo. Mas imediatamente Jesus disse aos discípulos que todos se sentassem, pois havia bastante relva naquele lugar (Jo 6.10).

Novamente aqui Jesus se utiliza de um *paidion*, “criança” ou “rapaz”, para ensinar uma lição de fé aos adultos, principalmente aos Seus discípulos. Nos sinóticos são os discípulos que, no final do dia, lembram a Jesus que a multidão precisa ser alimentada. Em João, é Jesus quem aborda os discípulos sobre a questão da alimentação da multidão. Ele dá ouvidos ao Pai e não à multidão, que o poderia deixar em dúvida. Ainda de acordo com Bohn Gass,

A proposta das comunidades do Discípulo Amado quanto ao exercício da autoridade é a partilha do poder (Jo 13.1-17). Colocam mulheres e escravos, pessoas sem poder e que tinham a obrigação de lavar os pés de seus maridos e senhores, como exemplos de autoridade. Portanto, as igrejas joaninas vivem um discipulado de iguais, onde o

⁴⁴ CARSON, 2007, p. 270; LAMB, Regene. Criança é presente: hermenêutica bíblica na perspectiva das crianças. São Leopoldo: CEBI, 2012, p. 40-41.

poder é participativo e exercido com a força do Espírito.⁴⁵

João relata sete sinais que têm um significado especial:

- 1º) Transformação da água em vinho (2.1-11);
- 2º) Cura do filho de um oficial (4.46-54);
- 3º) Cura de um paralítico em Jerusalém (5.1-18);
- 4º) Alimentação dos cinco mil homens (6.1-14);
- 5º) Jesus anda sobre as águas (6.16-21);
- 6º) Cura de um cego de nascença (9.1-12);
- 7º) Ressurreição de Lázaro (11.1-44).

Pode-se observar que o sinal em questão, ou seja, a perícopa, ocupa o lugar central dos sete sinais. Alguns eruditos como Hull e Boor afirmam que o capítulo 6 de João não é apenas mais um longo discurso, mas se constitui no mais amplo tratamento dedicado a um só tema teológico, conhecido como o pão espiritual, “tornando esta seção a obra-prima da teologia do Novo Testamento.”⁴⁶ Boor afirma que este milagre está diretamente ligado à “fe ou incredulidade”. Assim, João não está citando apenas um entre os muitos milagres de Jesus, mas reconhece nele o auge da atuação de Jesus na Galileia, e ao mesmo tempo, seu ponto de virada”.⁴⁷

O motivo para esse lugar, conforme Regene Lamb, é que as crianças veem as coisas com espanto. Segundo ela, Rubem Alves observa que “os adultos de tanto vê-las, já não as veem mais. As coisas – as mais maravilhosas – ficam banais. Ser adulto é ser cego”.⁴⁸

O exemplo de Filipe também pode servir para muitos pais, professores e educadores de crianças que simplesmente não conseguem ver saída para as dificuldades enfrentadas por crianças e adolescentes. Como visto acima, na análise da cura da filha de Jairo, não são necessárias muitas pessoas para fazer a obra do Pai, mas é necessária disposição de ir ao encontro das crianças e ter fé que o

⁴⁵ GASS, Ildo Bohn. *As comunidades cristãs a partir da segunda geração. Uma introdução à Bíblia*. São Leopoldo/São Paulo: CEBI/Paulus, 2005, vol. 8, p. 119. In: LAMB, 2012, p. 41.

⁴⁶ HULL, 1987, p. 313.

⁴⁷ BOOR, Werner. *Evangelho de João I: comentário Esperança*. Tradução de Werner Fuchs. Curitiba: Esperança, 2002, p. 148.

⁴⁸ ALVES, Rubem (Org.). *Culto arte. Celebrando a vida: advento, natal, epifania*. Campinas: CEBEP; Petrópolis: Vozes, 1999, p. 26. In: LAMB, 2012, p. 42-43.

mesmo Jesus que operou milagres há dois mil anos ainda os fará hoje.

Outro fator necessário atualmente é abordado por Keith White quando diz que

do ponto de vista divino não há complicação nenhuma; porém, isso abala nossos preconceitos. Um bebê é pequeno, fraco, dependente e vulnerável, precisa de educação, treinamento e linguagem... E Deus nos fala que precisamos aprender a sair dos palácios e dos encontros com eruditos e poderosos e chegar até a manjedoura e a criança.⁴⁹

É muito provável que os pães e peixes daquele menino fossem a merenda que a mãe dele havia preparado para comer na hora da fome. Mas essa criança não mede esforços, não faz cálculos, não retém para si e simplesmente entrega sua merenda para que cinco mil ἄνδρες (*andres*), “homens”, comessem (Mt 14.21). Novamente Jesus faz uso de um menino para executar um milagre para alimentar adultos.

Provérbios 20.11 diz: “Até a criança mostra o que é por suas ações; o seu procedimento revelará se ela é pura e justa”. Poderíamos ainda mencionar, a partir desse versículo, que o menino estava ansioso para servir com o que tinha, porém os adultos achavam a contribuição dele insuficiente para tantas pessoas. Mas Jesus aceita a contribuição do menino e tem a capacidade de transformar pouco em muito.⁵⁰ Disso podemos concluir que crianças podem servir nos ministérios das igrejas. Mas, para que a diaconia infantil seja posta em prática no contexto da liturgia adulta, é necessário entendermos sobre o modo como falamos de Deus. Segundo Rubem Alves,

Os adultos pensam que o maior e o mais caro é melhor. Pensam que a alegria e seus deuses vêm empacotados em embrulhos grandes. Por exemplo, quando falam de Deus, pensam logo numa coisa grande, muito grande, terrível, do tamanho do universo e ficam falando em coisas que o pensamento não entende como tempo de bilhões de anos e distâncias de anos-luz. Não sabem que a alegria, o maravilhoso e o divino estão ali pertinho ao alcance da mão. Divina é uma gota de orvalho, uma amora roxa, uma

⁴⁹ WHITE, 2010, p. 28.

⁵⁰ FOWLER, Larry. **Crianças firmadas na rocha: fornecendo às crianças uma base bíblica para a vida.** São Paulo: Batista Regular, 2007, p. 112.

cambalhota de tiziu, um raio de sol numa teia de aranha, a cor de uma joaninha, um bombom, uma bolinha de gude, um amigo, uma acertada de bilboquê: coisas pequenas, sem preço. Como você. Você é pequenininha e, ao preço de mercado, não deve valer muito. Mas você é mais maravilhosa que o universo inteiro. Porque você tem o poder de dar alegria e de sentir alegria. O universo não tem. Deus é alegria. Uma criança é alegria. Deus e uma criança têm isto em comum: ambos sabem que o universo é uma caixa de brinquedos. Deus vê o mundo com olhos de criança. Está sempre à procura de companheiros para brincar.⁵¹

Após todos os homens, mulheres e crianças se fartarem, ao todo umas quinze mil pessoas, Jesus mandou que recolhessem todas as sobras para que nada se perdesse. Ajuntaram doze *κοφινος* (*kophinos*), “cestos grandes”. De acordo com Carson esse termo é usado para todos os relatos da alimentação dos cinco mil e tem algum tipo de conotação peculiar judaica. Já o termo para descrever a alimentação dos quatro mil é *σπυρίς* (*spyris*), “cesto”. Nesse termo parece não haver nenhuma ligação judaica e a sobra de sete cestos equivale à provisão aos gentios, ao passo que a sobra de doze cestos grandes equivale à provisão das doze tribos. Ainda segundo Carson, “seria um abuso à credulidade, no entanto, supor que João viu nas sobras um símbolo da ‘comida que permanece’ (6.27)”.⁵² Seguindo o raciocínio de Eugene Lamb, “a generosidade de Deus é celebrada em continuidade à dádiva de seu próprio Filho. Por isso, nada pode se perder das dádivas, a comunidade deverá dar continuidade a novas partilhas”.⁵³

Conclusão

A partir da ação de partilha de um menino, uma multidão de homens, mulheres e crianças são alimentadas. Pessoas certamente cansadas e com fome, mas ninguém é excluído. Num campo aberto, na grama, todas as pessoas têm acesso. Não há lugares marcados para os que se consideram mais importantes, mais ricos, mais sábios.

⁵¹ ALVES, Rubem. *Coisas que dão alegria*. São Paulo: Paulus, 2001, p. 11-12. In: LAMB, 2012, p. 43.

⁵² CARSON, 2007, p. 272.

⁵³ LAMB, 2007, p. 36.

Talvez em outro lugar com mais formalidades sociais, o menino não teria sido percebido, ou talvez os próprios discípulos o tivessem impedido de se aproximar deles. Em outras palavras poder-se-ia dizer: é de fundamental importância que os adultos propiciem o acesso das crianças a Deus, fazendo com que tenham a sua própria experiência com Deus, no sentido de alimentação espiritual, emocional, social e material.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo sem muito aprofundamento, se percebe facilmente a ação de Deus através destas cinco crianças, ou filhos(as). João, além de precursor do Salvador ele também é o elo de ligação entre o AT e o NT ao cumprir a profecia de Malaquias que diz respeito ao relacionamento entre pais e filhos e conseqüentemente com Deus. Se o relacionamento dos pais com Deus for exemplar, com os filhos biológicos também será. Quanto ao filho do oficial, como pai, ele deixa de lado sua posição profissional e social submetendo-se à palavra de Jesus: teu filho vive. Esta submissão leva toda a família e amigos a crerem em Jesus Cristo, que pode curar e dar nova vida. Em relação à menina possessa, pode-se afirmar que os pais não devem medir esforços, mas devem fazer grandes investimentos espirituais em seus filhos, mesmo que inicialmente não haja muita expectativa, mas no conflito entre o bem e o mal, Jesus é vencedor. A ressurreição da filha de Jairo aponta para a eventual cura emocional e espiritual dos pais para que possam cuidar dos seus filhos sem precipitar-se vindo a “atropelar” as etapas normais de desenvolvimento físico, emocional e espiritual de uma criança. Jesus é visto na ressurreição desta menina como Senhor da vida e que a iminência da finitude humana é para ele como apenas como um sono, pois a menina apenas dorme. Em relação ao menino que dividiu sua merenda, mostrando prontidão e convicção diaconal, pode-se entender que a criança não precisa e nem pode ser um discípulo em espera, mas em treinamento. Elas estão prontas para servir no reino com o que têm nas mãos, principalmente na informalidade do cotidiano, num campo aberto, na grama, sem limitações e exigências. Elas estão disponíveis para exercerem sua fé, como visto até aqui, quando esta muitas vezes não é encontrada nos discípulos adultos. Logo, parte da revelação divina aos humanos

passa pelas crianças. E para encerrar, aqui neste milagre Jesus é visto como o pão da vida. Todos os que creem nele devem alimentar-se dele, assegurando sua participação no grande banquete celestial na eternidade da vida.

REFERÊNCIAS

ALVES, José Carlos Moreira. **Direito romano**. Rio de Janeiro: Forense, 1971.

ALVARADO, Ruth. In: SEGURA, Harold; PEREIRA, Welinton (Orgs.). **Para falar de criança: teologia, Bíblia e pastoral para a infância**. Tradução de Flávio Conrado, Wagner Guimarães. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2012. p. 95-101.

BOOR, Werner de. **Evangelho de João I: comentário Esperança**. Tradução de Werner Fuchs. Curitiba: Esperança, 2002.

BRAUMANN, Georg. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin. (Orgs.). **Dicionário Internacional de teologia do Novo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2000, v. 1, p. 465-475.

CARSON, D. A. **O comentário de João**. Tradução de Daniel de Oliveira e Vivian Nunes do Amaral. São Paulo: Shedd, 2007.

FOWLER, Larry. **Crianças firmadas na rocha: fornecendo às crianças uma base bíblica para a vida**. São Paulo: Batista Regular, 2007.

HULL, Willian E. In: ALL-COM, Clifton J. **Comentário bíblico Broadman: Novo Testamento**. Tradução de Adiel Almeida de Oliveira e Israel Belo de Azevedo. 2.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1987. p. 303-304.

JEHLE, Paul. **Ensino e discipulado**. Tradução de Markus Hediger. São Paulo: Cultura Cristã, 2016.

WHITE, Keith J. In: FASSONI, Klenia; DIAS, Lissânder; PEREIRA,

Welinton. **Uma criança os guiará: por uma teologia da criança.** Viçosa: Ultimato, 2010. p. 23-41.

WONDRACEK, Karin H. Kepler. In: SEGURA, Harold; PEREIRA, Welinton (Orgs.). **Para falar de criança: teologia, Bíblia e pastoral para a infância.** Tradução de Flávio Conrado, Wagner Guimarães. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2012. p. 119-133.

LAMB, Regene. **Criança é presente: hermenêutica bíblica na perspectiva das crianças.** São Leopoldo: CEBI, 2012.

LOUW, Johannes; NIDA, Eugene. (Orgs). Tradução de Vilson Scholz. **Léxico grego-português do Novo Testamento baseado em domínios semânticos.** Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

POHL, Adolf. **Evangelho de Marcos: comentário Esperança.** Tradução de Hans Hudo Fuchs. Curitiba: Esperança, 1998.

RICHARDS, Larry. **Todos os milagres da Bíblia.** Tradução de Carlos Osvaldo Cardoso Pinto. São Paulo: Hagnos, 2005.

RIENECKER, Fritz. **Evangelho de Lucas: comentário Esperança.** Tradução de Werner Fuchs Curitiba: Esperança, 2005.

RIENECKER, Fritz; ROGERS, Cleon. **Chave linguística do Novo Testamento.** Tradução de Gordon Chown e Júlio Paulo T. Zabatiero. São Paulo: Vida Nova, 1995.

RITTO, Cecília; ALVARENGA, Bianca. A casa agora é deles. **Revista Veja**, São Paulo, jun. 2015, p. 68-75.

SCHACH, Vanderlei A. **Infância em perigo: um caso real inspira a busca de soluções.** São Paulo: Rádio Transmundial, 2016.

SOUZA, Itamir Neves de. **Lucas: comentário bíblico.** São Paulo: Rádio Trans Mundial, 2008.

THOMAS, Robert; GUNDRY, Stanley (Orgs). **Harmonia dos Evangelhos.** Tradução de Valdemar Kroker. São Paulo: Vida, 2004.

YILPET, Yoilah. In: ADEYEMO, Tokunboh. **Comentário bíblico africano.** São Paulo: Mundo Cristão, 2010. p. 1122-1127.



A Revista Via Teológica está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional